

## ENTRE NÓS: PENSANDO A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE COMUNIDADE

Erivelton Ziddane da Silva<sup>1</sup>

Filipe de Lima Albrecht<sup>2</sup>

Juliana Dias Coelho Paiva<sup>3</sup>

### RESUMO

Tendo como base a proposta de educação escolar Quilombola, o presente artigo tem por objetivo sugerir reflexões a respeito da sala de aula enquanto um espaço construído em comunidade. Desse modo, em contraposição à chamada “educação bancária”, na qual se interpõe uma barreira pedagógica entre professor e aluno, haja vista que este absorve passivamente o conhecimento que supostamente pertence àquele outro, defendemos a concepção de que a educação deve ser pensada para além do ensino tradicional, ou seja, no sentido de um ensino que emancipe a todos, e no qual todos atuem para tal. A fim de ilustrar essa ideia, partiremos do conto “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, da escritora contemporânea Conceição Evaristo (2014) e dos pensamentos de Paulo Freire (1996), Beatriz Nascimento e outros, como fundamento teórico no intuito de sugerir a educação africana/quilombola como uma forma de ensino que promova autonomia e acolhimento entre docentes e discentes, além de possibilidades para pensar a sala de aula enquanto um espaço de comunidade em que todos os sujeitos estejam conectados. Para tanto, utilizaremos como apoio os relatos da troca de experiências que tiveram os alunos do pré-vestibular comunitário “PVCom”, localizado na favela da Vila Aliança (Zona Oeste - RJ), com a comunidade do quilombo Agbara Dudu, em Oswaldo Cruz (Zona Norte - RJ). Assim, chegamos à conclusão de que devemos enxergar o quilombo não como um local estigmatizado, mas sim como um ambiente socioeducacional de resistência e formação de sujeitos históricos.

**Palavras-chave:** EDUCAÇÃO, COLETIVIDADE, QUILOMBOLA, AUTONOMIA.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, ziddanedomr@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando do curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, albrechetefilipe@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduada do curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, julianadiaspaiava@gmail.com.

E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora,  
o outro espia o tempo procurando a solução.  
(Evaristo, 2014, p.114)

## INTRODUÇÃO

A colonização nas Américas foi base para o estabelecimento de lógicas de dominação, mercantilização e escravização de corpos africanos. Nesse sentido, o processo civilizatório, empreendimento triunfante que teve como sustentação de seu discurso a necessidade de "salvar" os ditos bárbaros, buscou homogeneizar olhares, produzindo estereótipos que se tornaram instrumentos de controle social. A perspectiva ocidental, consolidada através da legitimação do saber moderno, impôs princípios políticos, éticos e morais que estabeleceram a organização da vida. A relação entre conhecimento e poder conferiu à produção de saber um papel de dominação simbólica, onde apenas aqueles tidos como "capazes" são legitimados. No livro "Discurso sobre o Colonialismo" (2020), Aimé Césaire argumenta que o Ocidente, para consolidar sua posição de superioridade, depende do processo de barbarização do "outro" e da inferiorização das diferenças. A Europa não poderia ser a Europa sem ter produzido a barbárie em outros povos. O conceito de Racismo Epistêmico, cunhado por Grosfoguel (2016), esclarece um pouco mais o debate. Segundo o autor, o racismo epistêmico pode ser compreendido como uma estrutura hierárquica que categoriza os diferentes saberes da humanidade, estabelecendo uma distinção entre aqueles que são considerados superiores e inferiores. Essa perspectiva resulta na exclusão de todos os conhecimentos, exceto aquele que é legitimado como verdadeiro, o europeu. Muitos outros saberes, são relegados a um segundo plano, perdendo espaço no debate e na valorização do conhecimento. Segundo Simas e Rufino (2019) a interdição de outras perspectivas, em nome de uma normatização canônica, gerou mentalidades blindadas pelo colonialismo. Essa blindagem não só nega a diversidade, mas também perpetua um estado de estagnação cognitiva, onde o conhecimento é monopolizado por uma única narrativa que se julga superior. Essa perspectiva hegemônica desmantela memórias, gera traumas e subtrai a potência de indivíduos que, diante da norma, são forçados a se enquadrar em um modelo que não é o seu.

A forma como percebemos um objeto revela as dinâmicas de poder que permeiam a estrutura social. Nossos sentimentos, sejam eles medos, aversões, paixões

ou adorações, são construções que emergem de uma estrutura complexa de dominâncias e subalternidades. Pierre Bourdieu (1989) argumenta que a organização social fundamenta-se na imposição de uma visão de realidade específica, resultante de uma disputa pelo poder. Essa imposição, caracterizada como poder simbólico, legitima-se através da naturalização de percepções. As relações de dominação, percebidas e vivenciadas tanto por dominantes quanto por dominados, dependem da constante reafirmação dos símbolos considerados legítimos por aqueles que exercem domínio. Assim, o poder simbólico se configura como um poder que molda a realidade. Esse poder possui os mecanismos para afirmar o significado imediato do mundo, estabelecendo valores, hierarquias e conceitos que são apresentados aos indivíduos como se fossem espontâneos e naturais. Podemos refletir sobre essa noção ao analisarmos os estigmas associados aos espaços ocupados pela população negra. Frequentemente, esses locais são vistos como áreas de pobreza, violência e irracionalidade, uma visão sistematicamente reforçada pelo poder dominante. Paralelamente se desenvolve o discurso de que é preciso erradicar ou, ao menos, distanciar-se do lar negro. Os territórios quilombolas, enquanto lugares que representam focos de resistência à dominação ocidental, são especialmente alvos de estigmatização. A visão negativa associada a esses espaços é uma forma de perpetuar a desigualdade, legitimando a exclusão e a marginalização da população negra. Da mesma forma, é necessário pensar nos quilombos para além do espaço de fuga-resistência.

A compreensão de que as heranças do colonialismo também permeiam a organização do ensino, historicamente moldada para disciplinar e controlar corpos, é essencial para a revisão do espaço pedagógico. Ao refletirmos sobre os saberes gerados nos quilombos, espaços de resistência, solidariedade e ruptura com as estruturas hegemônicas, podemos reimaginar a educação. Neste artigo, buscamos analisar as experiências vividas por alunos e professores do pré-vestibular comunitário “PVCom” no quilombo Agbara Dudu, realizada em maio de 2024, explorando como essas experiências podem transformar a sala de aula em um ambiente de educação antirracista que valoriza vozes outras e fortalece os laços comunitários.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho tem como princípio trazer reflexões sobre o conhecimento acerca do Quilombos, conceito que norteia o recorte da nossa pesquisa. Para isso,

tivemos como metodologia tanto a aula expositiva dialogada com os alunos do pré-vestibular PVCom quanto a experiência de visita dos estudantes ao Quilombo Agbara Dudu, localizado em Oswaldo Cruz, na zona norte do Rio de Janeiro. As atividades partiram de uma perspectiva interdisciplinar dos Quilombos, ou seja, discussão socializada para entender o Quilombo como processo educativo, desconstrução de estereótipos, a partir da aula que tivemos de filologia africana com um professor de Angola e membro do Quilombo. Com isso, pedimos que os alunos expusessem suas ideias do que era um Quilombo antes e depois de conhecer o local.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### *Samba Enredo 1960 - Quilombo dos Palmares*

No tempo em que o Brasil ainda era  
Um simples país colonial,  
Pernambuco foi palco da história  
Que apresentamos neste carnaval.  
Com a invasão dos holandeses  
Os escravos fugiram da opressão  
E do jugo dos portugueses.  
Esses revoltosos  
Ansiosos pela liberdade  
Nos arraiais dos Palmares  
Buscavam a tranqüilidade.

Surgiu nessa história um protetor.  
Zumbi, o divino imperador,  
Resistiu com seus guerreiros em sua tróia,  
Muitos anos, ao furor dos opressores,  
Ao qual os negros refugiados  
Rendiam respeito e louvor.  
Quarenta e oito anos depois

De luta e glória,  
Terminou o conflito dos Palmares,  
E lá no alto da serra,  
Contemplando a sua terra,  
Viu em chamas a sua tróia,  
E num lance impressionante  
Zumbi no seu orgulho se precipitou  
Lá do alto da Serra do Gigante.

Estudar os processos históricos dos Quilombos é fundamental para se debruçar sobre as relações sociais, culturais e educacionais que são construídas nesses espaços. Com fins de trabalhar a temática do ensino-aprendizagem a partir de uma perspectiva quilombola, pareceu-nos significativo fazê-lo com auxílio da literatura. Na medida em que, para Cosson (2006), “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência” (Cosson, 2006, p.17), compreendemos que o texto literário figura como efetivo meio de aproximação entre os estudantes do pré-vestibular e os saberes das comunidades quilombolas. Nesse sentido, selecionamos o conto “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”, da escritora Conceição Evaristo, para discutirmos a questão dos quilombos em aula, uma vez que tanto trata do papel da coletividade na construção do futuro, como também foi escrito por uma importante intelectual no cenário literário afro-brasileiro.

Assim, nesse conto, conhecemos a história de um povo inicialmente acometido por uma grave crise de “escassez de tudo” (Evaristo, 2014, p.111), em que a realidade de “cada dia era sem quê nem porquê” (Evaristo, 2014, p.111). A desesperança por que passavam era resultado não só da falta de produtos fundamentais à saúde física, como são os alimentos, mas também daqueles relativos à própria capacidade de expressão da cultura popular. Na prática, vivia-se um momento de estagnação temporal, no qual o passado se dispersava e o pertencimento comunitário se enfraquecia, eliminando qualquer possibilidade de projeção de futuro. Esse panorama se altera, porém, quando “Bamidele, a esperança” anuncia a gravidez à comunidade. A notícia, por sua vez, gera um efeito de reavivamento na comunidade, de maneira que “a partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança” (Evaristo, 2014, p.113). Por fim, quando nasceu, a criança foi chamada “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”, e passou a representar não só a alegria, mas também a continuidade da vida de toda a sua gente.

A partir de uma leitura e interpretação socializadas desse conto, buscamos despertar nos alunos a consciência a respeito da função que cada indivíduo ocupa na construção de uma comunidade. Tendo em vista que, no texto, cada personagem recebe um nome simbólico correspondente ao papel social que desempenha, é importante notar como a noção de integridade está associada à capacidade de responsabilização e mobilização dos sujeitos em nome de uma causa coletiva. Com efeito, ao trazer essa perspectiva para a sala de aula, pretendemos situar o Quilombo como um espaço de reinvenção e, portanto, de valorização do novo, uma vez que a bebê Ayoluwa representa, ao mesmo tempo, solução e resistência para a fragilizada comunidade onde

nasce. Assim, tomando-se o próprio conhecimento como representação da novidade, o aprendizado seria o meio necessário para a sobrevivência de uma população.

Por conseguinte, na periodização histórica, os primeiros registros aparecem em meados do século XVI-XVII, no Quilombo dos Palmares, na capitania de Pernambuco, que serviu de refúgio para os escravizados, tendo vinte mil habitantes. Desse modo, o Quilombo tornou-se uma forma de preservação das heranças africanas, destacando-se as tradições religiosas, as línguas africanas como o quimbundo e a organização social como forma de resistência e luta pela liberdade dos escravizados, que tiveram suas identidades destituídas para que, de maneira forçada, servisse a lógica da razão branconcêntrica. Diante disso, o Quilombo pode ser caracterizado como um entendimento da História do Negro no Brasil e para luta dos Movimentos Negros, pois carrega consigo valores afrodiaspóricos para pensar tanto memórias subalternizadas quanto na concepção de currículos outros que compõe o ensino histórico não sob a ótica do colonizador, mas refletir pela perspectiva política da narrativa negra em que aciona valores políticos a respeito da instrumentalização de políticas públicas, refazimento educativo nas escolas por meios de saberes quilombolas, como teoriza o intelectual Abdias do Nascimento

[...] o quilombo se caracterizou pela formação de grandes Estados, como o da Comarca do Rio das Mortes, em Minas Gerais, desmembrado em 1750. Podemos afirmar que, como Palmares, este quilombo age de acordo com as condições estruturais, inclusive econômica, no contexto dos "ciclos" econômicos no Brasil. Antes o açúcar de Pernambuco, agora o ouro de Minas Gerais (Nascimento, 1977, P. 46).

Por fim, frente à experiência da escolarização no Brasil, marcada pelo legado do colonialismo europeu que limita sonhos e anseios por transformação, buscamos nas reflexões de Paulo Freire diretrizes para uma prática pedagógica emancipadora e solidária. Inspirados no debate de que a convivência afetuosa e respeitosa com os alunos é fundamental para o processo de aprendizagem, reconhecendo que o professor não detém todo o saber necessário, promovemos diálogos que questionassem a estrutura hegemônica que estabelece sentidos aos quilombos. A partir dessa perspectiva, entendemos que a educação deve ser um espaço de construção coletiva de conhecimento, onde a voz dos alunos é valorizada. Isso implica em romper com a

prática tradicional de ensino, conceituada por Freire de “educação bancária”, onde os alunos são tratados como meros receptores passivos de informações. Propomos, dessa maneira, uma pedagogia que privilegie a curiosidade, a criatividade e a crítica, permitindo que os estudantes se tornem protagonistas a partir do processo de compartilhamento de aprendizagem emancipadora.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As palavras de origem africana no Brasil jamais possuem um só significado. Em parte, pela própria estrutura das línguas africanas, em parte pela sua história no contexto nacional (a mesma palavra poderia ser pronunciada por uma gama de línguas, não necessariamente da etnia original). O enunciado geralmente é uma expressão, independente do significado. A palavra é um invocador, um instrumento de invocação/evocação/revelação. [...] Nesse sentido, ‘quilombo’ marca um processo de ação, atividade, conduta, dentro dos princípios antes mencionados. Aí reside sua trajetória e importância histórica: essa característica de processo, de continuum. Entretanto, não pensamos esse contínuo como estático, e sim como dinâmico (Nascimento, 2021, p. 247-248).

Compreendemos, enquanto professores de pré-vestibular comunitário, que a educação antirracista e emancipadora é um dos nossos princípios para tornar os alunos agente históricos, por sua vez, construtores de consciência crítica e o aquilombamento dos saberes. As etapas da elaboração da nossa aula consistiram em diversos debates e desconstrução de estereótipos sobre o que é Quilombo, a partir de uma perspectiva afro-diaspórica que envolve os professores das matérias de História e Língua Portuguesa. A escolha do tema, a contribuição dos textos dos intelectuais Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento para materialização das atividades permitiu aos alunos possibilidades de enxergarem o Quilombo como um espaço não só de resistências negras, como também um espaço de educação em comunidade. Portanto, reunir diferentes saberes para construir uma contra-narrativa para pensar o Quilombo, isto é, envolvendo um resgate da memória dos Quilombos por meio de uma educação libertadora e relações afetivas.



Imagem I - alunos e professores em frente ao Quilombo Agbara Dudu.



Imagem II - Aula de Filologia africana no Quilombo Agbara Dudu.





Imagem III - Grafites no interior do Quilombo Agbara Dudu.

A proposta teve como resultado o relato de experiências da percepção dos alunos do pré-vestibular sobre o Quilombo antes e depois da aula de campo. Na imagem abaixo, há o relato de um dos alunos do pré-vestibular a partir de duas perguntas que fizemos.

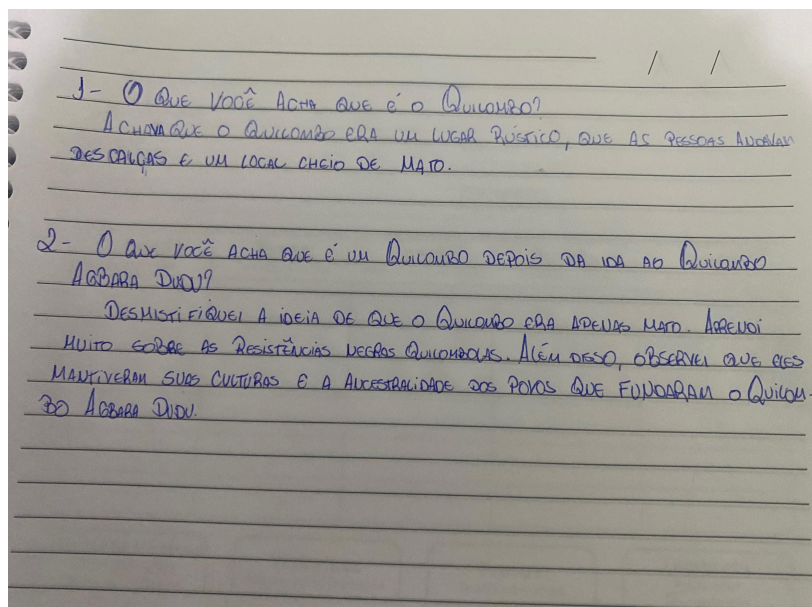


Imagem VI - Atividade feita pelos estudantes em sala de aula.

Dessa forma, após a aula tanto teórica a partir dos textos sobre os Quilombos quanto a visita no Quilombo Agbara Dudu, a proposta é que os alunos dentro de uma perspectiva antirracista e dentro desse ensino-aprendizagem emancipador,

construam uma memória crítica e vejam a importância dos Quilombos como instrumento político pedagógico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da compreensão do Quilombo como um espaço de rica produção de saberes, buscamos, neste artigo, trazer reflexões acerca de uma perspectiva do ensino em sala de aula, tendo como base o caráter coletivo das comunidades quilombolas. Assim, por meio de intelectuais que pensam a educação como uma prática compartilhada, tratamos de sugerir discussões que reiteram como essa concepção é capaz não só de promover a autonomia crítica dos estudantes, mas também de possibilitar a constituição de uma educação antirracista, anticolonialista, caminhando para a afirmação de uma identidade afro-brasileira. Além disso, a partir dos relatos dos alunos, concluímos que, longe de se parecer com uma visão estigmatizada, o quilombo surge como forma válida de pensar o mundo e como solução possível para questões futuras.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Veneta, 2020.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Pallas Editora, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e terra, 2014.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Sociedade e Estado, v. 31, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista Petrópolis: Vozes, 1980.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. Mórula editorial, 2019.